

AUTORES E LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ" Vol. 51
14/2/1943 publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Núm. 6
Ano III Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Notícia sobre Medeiros e Albuquerque

Foi Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque nasceu em Recife, em 4 de maio de 1847. Era filho de João Joaquim de Campos de Medeiros e Albuquerque, magistrado, doutor pela Faculdade de Recife.

Com sua mãe aprendeu os primeiros passos da leitura. Aos quatro anos já lia e perfeitamente bem. Aos 9 anos escreveu o primeiro poema, tendo por tema a morte de Jesus, tendo por base a apresentação documental de que lhe davam 10 anos, por sua idade que tinha a lei de uma família matrilinha na 1ª geração. Aos 12 anos escreveu o primeiro poema de um jornal, para os alunos, "O Erucaço". Aos 14 anos de idade de papel com 17 quadras...

Em 1863, aluno de Luciano Pereira Fortunato Duarte, (no Instituto) e José Francisco Ribeiro, (no exterior) entre outros. A esse tempo travou conhecimento com o Luiz Raimundo da Silva Brito, que era professor do Colégio Pedro II. De 1863 foi, mais tarde, arcebispo de Olinda. E não obteve de um homem de grande nome, de Medeiros, como foi o caso — um acabou abençoado, e o outro acabou abençoado.

Em 1869, acompanhando seu pai, viajou para a Europa. Foi a primeira viagem, com destino a Paris, onde, em 1870, entrou na Escola de Belas Artes e ali permaneceu até 1872. Nessa época regressou ao Brasil e logo aqui se reuniu a um grupo de jovens, entre os quais se destacaram Tito de Menezes e o qual, segundo o testemunho do próprio Medeiros, dominava a todos na vida, pela ilustração, pela inteligência, pela correção da vida. De João Paulo, José de Lima e Silva, João Marcelino Fragoso. Entre todos estudantes de Medeiros, e Medeiros, que já trazia o gosto pelas ciências da filosofia. Ainda mais se firmou nessa tendência. Faz, a esse tempo, e com esse grupo de amigos, um curso particular de Filosofia Natural com Emílio Coudry, fil. Shopenhauer, com o qual se deu a filosofia de maneira negativa de Hartmann. Foi também, nessa ocasião, aluno particular de filosofia de Silvio Romero.

Seu primeiro emprego foi o de professor primário adjunto, função que lhe deu Franco de Sá, ministro do Império.

Medeiros e Albuquerque entra em contato com os escritores e as letras da época, notadamente com Paula Ney, Pardal Lima e outros. Em 87 publica os seus "Pecados e as suas Causas da Decadência".

Embora tivesse grande entusiasmo pela ideia abolicionista, não tomou parte na propagação.

Em 1890 está no Novidades, de João de Almeida Guanabara. Faz parte do grupo de demolidores da Monarquia, e luta ao lado de Silva Jardim, Francisco Falcão, Sebastião Barroso, contra a Guarda Negra, nas vésperas da proclamação da República, e enviado a S. Paulo por Aristides Lobo, com uma

missão delicada e perigosa junto a Glório e Campos Sales.

Com a vitória da República, e sendo Aristides Lobo ministro do Interior, foi Medeiros e Albuquerque nomeado secretário daquele Ministério em 16 de novembro de 1889. Com a saída de Aristides, que foi substituído por Cesário Alvim, foi Medeiros dispensado do cargo.

Em 1890, foi nomeado por Benjamin Constant, vice-diretor da Internat do Ginásio Nacional. Benjamin deu-lhe mais as nomeações de membro do Conservatório Dramático, vice-Reitor do Ginásio, professor das Letras de 2º grau, professor da Escola de Belas Artes.

Simultaneamente com as suas atividades de funcionário público, exercia Medeiros e Albuquerque as suas atividades de jornalista. Durante a fase republicana, fora diretor de um jornal — "O Clarim" — cuja redação era no Café de Londres — segunda mesa à direita... Durante o período florianista dirigiu o seu segundo jornal — "O Fígaro". Foi nesse jornal que teve ocasião de denunciar a deposição que se tramava em Pernambuco do governador Barbosa Lima. A denúncia, assim feita, fez abortar o movimento.

Grato ao gosto espontâneo de Medeiros e Albuquerque, Barbosa Lima em 1894, o elego deputado federal por Pernambuco. Medeiros se estreita na Câmara conseguindo a votação para a lei dos direitos autorais. Em breve, porém, está na oposição à Prudente de Moraes. Antecipando de deserto em Pernambuco de Noronha, refugia-se na Legação do Chile...

Em 1895, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Escolheu para patrono de sua cadeira — a de n.º 22 — José Bonifácio, o moço. Na Academia, foi o segundo secretário geral, substituindo Nabuco em 1899. Voltou ao mesmo cargo em 1910, 1917 e 1918. Foi presidente em 1924. Sucedeu a Carlos de Laet na Comissão do Dicionário (1928). Foi substituído, pelo sr. Miguel Osório de Almeida.

Em 1897 — pouco antes do episódio da luta com Prudente, em virtude do qual se viu obrigado a pedir asilo à Embaixada do Chile — fora Medeiros nomeado pelo prefeito Furquim Werneck, diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Demitido do cargo por Van Erven — que de 15 de novembro a 13 de dezembro de 1899 guardara o lugar para Cesário Alvim — Medeiros foi aos tribunais, defender seus direitos. Obteve quatro sentenças favoráveis, e foi reintegrado na administração Xavier da Silveira.

Voltando à Câmara dos Deputados, como representante de Pernambuco formou nas fileiras de oposição a Hermes Fonseca. Durante o quadriênio militar foi viver na Europa — e pensou em naturalizar-se lá.

Regressando ao Brasil em 1916, fez-se um ardoroso defensor da entrada do Brasil na guerra que devastava a Europa. Sua campanha contribuiu em muito para o cumprimento de

novas relações com a Alemanha. Foi então condecorado com a Legião de Honra pelo governo francês e com a Ordem de Leopoldo pelo governo belga. Em 1918 recebeu do governo brasileiro permissão para ir bater-se nas campanhas de batalha da França, sendo-lhe isso negado.

No governo Epitácio Pessoa fundou "A Pólis", e ali fez tenaz oposição a esse presidente da República.

Por ocasião da campanha da Aliança Liberal esteve com todas as veras da alma ao lado do governo Washington Luís, motivo porque, vitoriosa a Revolução de 1930, teve que se refugiar na Embaixada do Perú. Ali escreveu umas páginas acerca daqueles dias, que são das mais vividas, que calaram de sua pena.

De 1920 a 1934, viveu inteiramente dedicado aos seus trabalhos de colaborador diário da "Gazeta de S. Paulo", e bem assim às múltiplas atividades que tinha na Academia Brasileira. Falleceu no dia 9 de junho daquele último ano, às 13 horas, prostrado por uma síncope cardíaca.

Embora estivesse enfermo havia já algum tempo, parece que os debates, então travados em torno da simplificação da ortografia contribuíram para apressar-lhe o fim. Com efeito, era ele um grande apaixonado da ideia da simplificação e seu último artigo na "Gazeta de São Paulo", — publicado no próprio dia de sua morte — versa sobre esse assunto. Na manhã do dia em que faleceu, ele dizia a um amigo, aludindo às discussões ocorridas na Constituinte:

— Eu sou um homem liquidado. Essa história da ortografia matou-me...

Foi enterrado no cemitério de S. Francisco Xavier, pronunciando o "adeus" da Academia Felix Pacheco, que era secretário geral da instituição.

O ORGULHO HUMANO

O homem, no seu imenso orgulho, classificou as coisas do mundo, tomando-se como o estalado da perfeição. Reconhecendo que se podiam dividir os seres em minerais, vegetais e animais e que ele estava nesta última categoria, proclamou que ele era a mais elevada. Verificando que, nestas, ele era o ser mais inteligente, imediatamente afirmou que a inteligência era a virtude suprema. Sentindo, porém, a desproporção, não só entre o conjunto grandioso do Universo e a mesquinha insignificância dos seres vivos, como ainda entre estes e o Homem, ele procura sair do absurdo, em que está, declarando impossível que toda esta máquina gigantesca exista para que nela só floresçam seres inteligentes em um pequeno planeta. E não falta quem dote de habitantes todos os outros astros. (Medeiros e Albuquerque — "Páginas de Crítica" — página 191).



MEDEIROS E ALBUQUERQUE

SUMÁRIO

PÁGINA 81: — Notícia sobre Medeiros e Albuquerque.

PÁGINA 82: — A Poesia de Medeiros e Albuquerque.

— Quando eu fui doido

— Estranho mar

— Anotando

— A bondade do serviço público...

— Ilusões...

— Amor defeso

— Fraseologia decadente

— Fúria

— A Paixão

— As palavras da Amor

— Pela noturna paz...

— Soneto cristão — Lougo do Mundo

PÁGINA 83: — Balada de Goethe, de Medeiros e Albuquerque

— De livro de Francisco, de Medeiros e Albuquerque

— Um retrato de Medeiros e Albuquerque, de João Ribeiro

PÁGINA 84: — Flor seca, conto de Medeiros e Albuquerque

PÁGINA 85: — Bibliografia de Medeiros e Albuquerque

— Uma pequena blasfêmia, de Medeiros e Albuquerque

— Medeiros e Albuquerque, homem de pensamento, de Maurício de Medeiros

— Natureza e Medicina, de Medeiros e Albuquerque

PÁGINA 86: — Evocação de Medeiros e Albuquerque (Trecho do discurso de saudação a Miguel Osório de Almeida na Academia Brasileira, do Roquette-Pinto)

— A poesia de amanhã, de Medeiros e Albuquerque

PÁGINA 87: — Perfil de Medeiros e Albuquerque, de Humberto de Campos

PÁGINA 88: — Síntese da Vida de Medeiros e Albuquerque (Trecho do discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, de Miguel Osório de Almeida)

— Ser filosófico..., de Medeiros e Albuquerque

— O bem da frivolidade, de Medeiros e Albuquerque

— O parista e os escritores, de Medeiros e Albuquerque

— As chapas, de Medeiros e Albuquerque

— Plural e singular, de Medeiros e Albuquerque

PÁGINA 89: — Correspondência de escritores. Carta de Medeiros e Albuquerque a João Ribeiro (fac-símile de autógrafo)

— A morte de Medeiros e Albuquerque, de Viriato Corrêa

— Medeiros e Albuquerque e o

culito da amizade, de Mucio Lobo

— Casamento e em miséria, de Medeiros e Albuquerque

— Casamentos felizes, de Medeiros e Albuquerque

— O Divorço, de Medeiros e Albuquerque

— O essencial na confissão, de Medeiros e Albuquerque

— Ter filhos, de Medeiros e Albuquerque

— Multidãoismo, de Medeiros e Albuquerque

— Opressão da fim do mundo, de Medeiros e Albuquerque

PÁGINA 90 e 91: — Lírios e Opiniões de Medeiros e Albuquerque, de João de Brito

— A J. de Brito, de U. de A. (Carta de Lobo)

PÁGINA 92: — O mito do Brasil menino — Continuação da Conferência da dra. Rita Passos

PÁGINA 93: — Adão, os nomes próprios, outros assuntos, de Mucio Lobo

— Galeria de arte — N. Y. — Cândido Portinari — O Gale

— Carlos Drummond de Andrade, Retrato por Tarsila

— Carlos Drummond de Andrade (Nota biográfica)

— Alguns textos sobre Carlos Drummond de Andrade

— Bibliografia de Carlos Drummond de Andrade

PÁGINA 94 e 95: — Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — 1ª Série

— Antologia da Poesia. IV — Carlos Drummond de Andrade.

— A mão suja

— Tristeza do Céu

— A Ruína

— Lembrança do mundo antigo

— A noite dissolve os humores

— Granduras duplas

— Os ombros suportam o mundo

— Os olhos de sobreaviso

— Memória charando na noite

— Confidência de Itaboraí

— Castidade

— Cesta miserável

— O voo sobre as igrejas

— Poesia patética

— Romaria

— Quem me casar

— No meio do caminho

— Sentimental

— Cantiga do riacho

— Infância

PÁGINA 96: — Noturno da janela do apartamento, de Carlos Drummond de Andrade (fac-símile de autógrafo)

— Quêntico, mestre da Espanha, de José Lima do Rego

— A pintura em pórtico, (Prefácio a um livro de Jorge de Lima), de Afonso Mendes

A poesia de Medeiros e Albuquerque

LUCIA

Poemas, poemas e poemas... Vem a aurora
e vem a noite, mas o amor é eterno...
E se um poema não vive a vida inteira,
é pelo menos de um dia inteiro dia...

Assim as horas... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Na vida inteira, inteira, inteira...

Chega a... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

("POESIAS")

AMOR DEFESO

Há coisas... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Felizmente... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Mas, quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

("POESIAS")

PROCLAMAÇÃO DECADENTE

A OLAVO BILAC

(Faria escrita por um poeta
a 23 de Novembro,
sendo Verlaine poeta
e Mallarmé — deus real)

Poetas, do tempo, do tempo...
Em vez de...
de...
de...

Eu, quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

O tempo é...
de...
de...

E o tempo é...
de...
de...

Que resta? Todas as coisas...
todas as coisas...
de...

Que resta? A vida inteira...
de...
de...

Se, pois, na vida inteira...
há de...
de...

Os Poetas do Sentimento...
que...
de...

E neste tempo em que o Homem
se altera e difere...
de...

Pode a Musea somente
do Verso nas linhas...
de...

porque é preciso que todos
no vago dessa melhora...
de...

creiam achar no que apenas
é...
de...

Que importa a vida inteira...
que...
de...

Poetas, eu sei que, sorrindo...
de...
de...

não, entre os cantos sagrados...
de...
de...

("POESIA")

PUDICA

Não, quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

O se, que a vida inteira...
de...
de...

Poeta, por todo o tempo...
de...
de...

Porque a vida inteira...
de...
de...

("POESIAS")

A POEIRA

Nos cantos... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Mas, quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Gira a vida... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

La vida... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

— (FIM) —

AS PALAVRAS DE AMOR

As palavras de amor... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Mas, quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

As palavras de amor... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Vão ficando... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

— (FIM) —

SONETO CRISTÃO

LONGE DO MUNDO

Guarda tua alma fora do mundo...
em que o mundo se...
de...

E enquanto o Bem, no eterno...
de...
de...

Deixa o rumor do mundo... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

— e verás... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

— (FIM) —

PELA NOTURNA PAZ...

Pela noturna paz silenciosa...
de...
de...

Da Via-láctea a imensa...
de...
de...

Do oceano escuro sobre a escura...
de...
de...

E esse claro, que os naufrágios...
de...
de...

— (FIM) —

QUANDO EU FOR DOIDO

ESTANHO MAR

A BEM DO SERVIÇO

A DELGADO DE CARVALHO

Quando eu for doido... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Quando eu for doido... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Quando eu for doido... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Quando eu for doido... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

("POESIAS")

A BER DO SERVIÇO PÚBLICO...

Quando eu for doido... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Quando eu for doido... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Quando eu for doido... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

("POESIAS")

ILUSÕES

NO ALBUM DE ERNESTO BENA

Quando eu for doido... Quando o dia
passa, quando o dia passa...
E a vida inteira, inteira, inteira...

Bibliografia de Medeiros e Albuquerque

Esta sumariamente, espontaneamente, principal bibliografia de Medeiros e Albuquerque:

I — POESIAS:

- *Parados* — Poemas — (1887-1890).
- *Cancões da Devandência* — Poemas — (1883-1897).
- *O Remorso* — Poemeta — (1889).
- *Poesias* — (1893-1901) — 120 pág. — Rio, 1901.
- *Poesias* — 214 pág. — Rio, 1922.
- *Quando eu falava de amor* — Rio, 1923.
- *Poesias* — Renascença Editora — Rio — 1933.

II — POEMAS EM PROSA

- *Poesias sem versos* — 175 pág. — Livreria Editora Lusa Ribeiro — Rio — 1924.

III — CONTOS

- *Um homem prático* — 1898.
- *Mãe Tapuia* — 1900.
- *Contos Escolhidos* — Primeira edição, 1907. 2ª edição aumentada, 380 pág. — Editora Lux, Rio — 1924.
- *O assassinato do General* — 1929.
- *O Umbrigo de Adão* — 1932.
- *Negredo conjugal* — Em colaboração com Afonso Celso, Afrânio Peixoto, Alexandre de Amaral, Augusto de Lima, Fernando Rodrigues, Maurício de Medeiros e Roquette Pinto — 235 pág. — Distribuidora: Civilização Brasileira — Rio — 1934.
- *Se eu fosse Sherlock Holmes* — 1932.
- *Surpresas* — 225 pág. — Flores e Mano Editores — Rio — 1934.

IV — ROMANCES:

- *Marta* — 1920.
- *Laura* — 199 pág. — Editora Guanabara — Rio — 1933.
- *Mistério* — Em colaboração com Afrânio Peixoto, Coelho Neto e Viriato Correa — 1921.

V — TEATRO:

- *O Escândalo*, drama — 1910.
- *Teatro meu...* e dos outros — 1923.

VI — PRINCIPAIS CONFERÊNCIAS E DISCURSOS:

- *Em voz alta*, (conferência literária) — 158 pág. — Com retrato do autor. — Tipografia de "Kosmos" — Rio — 1900. 3ª edição aumentada — 287 pág. — Francisco Alves & Cia. — Rio — 1913.
- *O silêncio de ouro* (conferência) — 1912.
- *Teoria Normal* — Discursos — Medeiros e Albuquerque, Manoel Bonfim, D. America Xavier, de Servílio Lima — 83 pág. — Tip. do Instituto Profissional — Rio — 1904.

1. Duas interrogações análogas lhe brotaram espontaneamente: — Você tinha respondido? — Você não viu?

Que tristeza!

Os olhos dos dois encheram-se de lágrimas... Ele tomou-lhe a mão, enrugada e seca na sua mão também seca, também enrugada, e apertou-a com força... Murmurou, acariciando a mão dela:

— Não agora!

— Não agora eu vejo, eu sinto, eu sei... a minha vida poderia ter sido outra, tão boa, tão luminosa, tão cheia de amor...

— Era isto que a sua exclamação queria dizer?

— Não agora! Mas agora era tarde, ele tinha 51 anos, ela 49...

— Não agora! Foi, uma manhã de maio, luminosa e serena... Quasi meio dia... Borboletas aos pares andavam pelos prados, pelas flores... Tanta luz! Tanto amor! Mas agora de que servia?

— *O Brasil e a Guerra europeia* (conferência).

— *Discurso de saudação a Augusto de Lima*, na Academia Brasileira ("Discursos Acadêmicos", 2.ª v.).

— *Discurso de saudação a Ataúlpho de Paiva*, na Academia Brasileira ("Disc. Acadêmicos", 3.ª v.).

— *Discurso de saudação a Fernando de Magalhães*, na Academia Brasileira ("Discursos Acadêmicos", 4.ª v.).

— *O meu verdadeiro patrono*: Tito Livio de Castro (discurso).

— *Saudação a George Dumais*, em nome da Academia Brasileira — (1922).

— *Saudação a João Dantas*, em nome da Academia Brasileira (1922).

— *Peirira da Silva, Escriba da Taunay e Luiz Guimarães Junior* (Primeiro retrospecto literário pronunciado na Academia Brasileira) (1901).

— *Fontoura Xavier* (discurso) (1922).

— *O ano literário de 1922 na Academia Brasileira* (discurso).

VII — ENSAIOS, ESTUDOS, ETC.

— *Pontos de vista* (ensaio) — 1913.

— *Graves e Futeis* — 201 pág. — Livreria Editora Leite Ribeiro — Rio — 1922.

— *A obra de João Dantas* — Precedido de um discurso de Afrânio Peixoto e seguido de outro de João Dantas.

— *Literatura alheia* — 260 páginas — Livreria Francisco Alves — Rio — 1914.

— *Páginas de Crítica* — 1929.

— *Homem e Coisas da Academia* — 331 pág. — Renascença Editora — Rio — 1934.

VIII — VIAGENS:

— *Por alheias terras* — 253 pág. — Editora Americana — Rio — 1931.

IX — MEMÓRIAS:

— *Minha Vida* — Da Infância à Mocidade — Memórias 1867-1895 — (1.º volume) 338 páginas — 3ª edição — Calvino Filho — Rio — 1933.

— *Minha vida* — Da Mocidade à Velhice — Memórias 1897-1934 (2.º volume) — 351 páginas — Calvino Filho, Editora — 1934.

— *Quando eu era vivo*... Memórias 1867 a 1934 — Edição póstuma e definitiva — 356 páginas — Edição da Livreria do Globo — Porto Alegre — 1942.

X — PENSAMENTOS:

— *Pensamentos de Medeiros e Albuquerque*, Coligidos por Maurício de Medeiros — 323 pág. — Calvino Filho Editora — Rio.

XI — POLEMICAS:

— *Polêmicas*, Coligidas e anotadas por Paulo de Medeiros e Albuquerque. — 253 pág. — Pongetti — Rio — 1941.

XII — POLITICA:

— *O Regime presidencial no Brasil* — 1914.

— *Parlamentarismo e Presidencialismo*, 1932.

XIII — CIENCIA:

— *Testes* — Introdução ao estudo dos meios científicos de medir a inteligência e a instrução dos alunos — 1924.

— *O Hipnotismo* — 1920 — 2.ª edição. Com prefácio de Miguel Couto e Julião Moreira.

— *Os que podem casar-se* — 1929.

— *Sur ou cas de synopsie présentée par des millions de sujets* (Tringem à parte do

"Journal de Psychologie Normale et Pathologique".

XIV — EDIÇÕES QUE DIRIGIU

— *Poe las Completas de Pedro II* — Com um prefácio de Medeiros e Albuquerque, 153 pág. — Editora Guanabara — Rio — 1932.

— *Medeiros e Albuquerque*, como diretor, redator ou colaborador, trabalhou nos seguintes jornais (entre muitos outros):

- *O Clarim*.
- *O Fígaro*.
- *Novidades*.
- *Correio da Povo*.
- *O Tempo*.
- *A Notícia*.
- *Ilustração Brasileira*.
- *Correio da Manhã*.
- *Gazeta de Notícias*.
- *Revista da Semana*.
- *O Paiz*.
- *O Estado de São Paulo*.
- *O Jornal do Comércio*.
- *O Jornal do Brasil*.
- *A Noite*.
- *A Gazeta de S. Paulo*.
- *La Nación* (de Buenos Aires).

— *Semana Médica* (de Buenos Aires).

— *Arquivos de Medicina* (do Rio).

— *Figaro* (de Paris).

— *Le Temps* (de Paris).

— *Journal de Psychologie Normale et Pathologique* (de Paris).

— *La Revue* (de Paris).

— *Revista da Academia Brasileira de Letras*.

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

— *Mundo Literário* (Rio).

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, HOMEM DE PENSAMENTO

Maurício de Medeiros

MEDEIROS E ALBUQUERQUE não era homem de traça. Em seus livros há conceitos profundamente revolucionários, ideias gerais surpreendentes, contidos tão suavemente, em palavras tão simples, que o leitor quase não as percebe. Passa por elas com a mesma rapidez com que Medeiros o leva ao fim de seus temas. Nem talves o próprio autor, cuja lucidez de estilo parece correr fácil e mecânica do simples contacto da pena com o papel, tivesse notado o que havia de curioso, de original, de belo e, muitas vezes, revolucionário nestas frases curtas. E há a punha em seus escritos como simples elos de passagem, numa cadeia de pensamentos encaminhados a um determinado fim. Em nenhum de seus escritos sente-se que ele se tenha preocupado com essas afirmações colaterais. Continua o sempre uma tese, um tema, uma demonstração. Seu espírito lógico se vê o conjunto. E ele vai, numa sequência de argumentos, encaminhando o leitor irresistivelmente à sua conclusão. O que o preocupa é esse encaminhamento, é essa força irresistível da Verdade, tal como ele a quer apresentar. Argumentos, argumentos, argumentos. E só ao se vê a estes. Prende-os uns a outros por uma ordem de deduções. E só o preocupa essa ordem.

Mas seus pensamentos não se decaem a um tão simples encadeamento. Prendendo-os uns aos outros, ele se espalha, como um compositor musical, que busca acordes hídiosos, de simples ligação, entre as frases musicais que formam a linha geral de uma melodia.

O compositor não os nota. O ouvinte, preso na melodia, tampouco. Mas quando um dia se detém a analisar o pormenor harmônico de um trecho musical, sente a beleza desses seus admiráveis, que lhe tinham passado despercebidos.

Assim, na observação meditada dos melhores livros que Medeiros escreveu, fui encontrando admiráveis definições, conceitos, pensamentos, ideias gerais semeadas, descaudadamente, ao correr da sua pena.

(Trecho do prefácio dos Pensamentos de Medeiros e Albuquerque).



Durante o governo do Marechal Hermes, Medeiros e Albuquerque, desguincho com a Brazil, deliberação naturalista-se tornou. E a fotografia, tirada em 1913, mostra um dos exercícios de adaptação de Medeiros à industrialização museológica...

Uma pequena blasfêmia...

O homem rico, cumulado de todos os bens, que trazendo consigo as melhores situações passasse junto a um janelão com the dir o que ele precisava para matar a fome, nós o maliciamos. Ninguém há no mundo, mais rico de todos os bens, que o deus das religiões. Ninguém que pudesse mais facilmente fazer a felicidade de todos. Ninguém que como ele pudesse dar muito, dar tudo, dar sempre, sem jamais se empobrecer.

Esse ser mitológico e cruel seria, se existisse, o mais impiedoso dos avaros. — (Medeiros e Albuquerque — "Poesias sem Versos" — pag. 111).

Um retrato de Medeiros e Albuquerque

(Continuação da pag. 31)

comum é para ele o critério decisivo nas questões de linguagem, pelo menos é o que deve aconselhar-se contra a teima por vezes impertinente e pedante. Essas coisas como dizia Cícero *sunt ut disputant*; mas convém acrescentar que é muito difícil levá-la a parede, tal a transparência e a argumentação do escritor quando lhe dá a vontade de ser filólogo.

Esse talento de rara cultura de compreender e de saber o verdadeiro caminho e nele quase um tino divinatorio que naturalmente resulta da sua inteligência animada e complexa como do verdadeiro homem de ciência.

Sem dúvida é possível fazer alguma restrição aos métodos de Medeiros e Albuquerque. Por vezes a sua lógica é a do sofista quando a todo transe quer defender uma causa ou um ponto de vista; entretanto, a sua arte de discutir é consumada que só a contra vontade é que se pode discordar do seu parecer.

Na Academia, como por toda a parte, os seus triunfos são inúmeros; não há contestá-los ou diminuir-los.

E pode a seu respeito, dizer-se: Concordo — até com o contrário. Tal é a formidável barreira dos seus argumentos.

(Journal do Brasil — 5-3-1944)



Retrato da mocidade de Medeiros e Albuquerque

ROQUETE PINTO

A conversação e a clareza casti-
lana de que se servia, deusa
manifesto o perigo que a
viera a ser, de fato, um ap-
roximado e indoloso da ciência
Exatidão? Sim, porque a ci-
taria não lhe pode oferecer a
brevia mais propícia. Se m-
resistência e talvez mais e-
mo, evidentemente poderia
faltar, no terreno da pesqui-
sante quanto outros. Hou-
porém, dominante, um falto
Inquietação que o levou no
nihilismo, no seu conceito
mais perfeita e a mais com-
sa das belas arti... arte
vida moderna". Houve tam-
epticismo intelectual, m-
doquria deliriosa vadiagem
espírito, encanto da existe-
e desperdo dos pessimis-
Quil de nos dois, senhor M-
teoria, lera autoridade bas-
te para requer a primeira
dra? A biblioteca de M-
ros, pela variedade dos as-
tos, era uma livraria. Ao
das grandes composições do
das literaturas, tratado
biologia e sobretudo de p-
logia experimental, livro
magia, de anedotas, de a-
de costumes, de religião
de eugenia. Modestos vir-
cando curiosidades. Certa-
za sua casa hospitaleira
da gaveta uma caixa qua-
gular, tendo numa das
diversos mostradores sob-
netos. Algumas p quenas
mostras giravam, cada q-
mandando um dos mostra-
Fez uma nova maqui-

compor histórias literárias, contos ou romances, que ele mandava vir dos Estados Unidos. Nos mostradores, de cima a baixo, apareciam, pelo rodar das maganetas, nomes, títulos, promessas, verbos indicando os acontecimentos da novela desejada, lugares em que cenas se poderiam passar, crimes ou desastres para os personagens, intervenções da justiça ou da religião. Sugestões para arranjos e combinações de roupas, acessórios, acontecimentos da América do Norte. Medeiros conheceu a engenharia no fim da vida, quando foi a sua obra admirável na literatura, na ciência e no jornalismo estava realizada. Com os diabólicos e sempre alerta conhecimentos, talvez tivesse algum querido experimentar as experiências da calvinista. O que ele fez na herança opulenta, fo-

O' guerreiros da tribo sagrada,
ó guerreiros da tribo tupi
falai deuses nos cantos do piaga,
ó guerreiros, meu canto ouvi...

A sua refinada sociabilidade, a extrema simpatia, não consentiam que Medeiros vivesse apertado para o seu egoísmo e prazer pessoal extinguindo-o. Timbrava em repartir com os companheiros o que ia colhendo. Os seus amigos sabem da alegria com que mostrava as novidades que descobria na imensa bibliografia constantemente manuseada. No seu alívio, entre outros atributos

(Continued on p. 7)



Em 2 de setembro de 1910, embarcou Medeiros e Albuquerque para a Europa. A fotografia é um retrato do seu embarque, e foi publicada na Ilustração Brasileira, de onde o escritor era colaborador. (Ilustração Brasileira, 16 de setembro de 1910).

A MANHÃ -- Medeiros e Albuquerque

De três em três sílabas vem, monotonicamente, um acento fixo. A sílaba de contigüência dessa quadra é: 3.3.3, 3.3.3, 3.3.3.

Estrela brilhante, que aponta o dia, que passa a noite brincando no céu, de pijas te fadarem com hinos saudosos, te cantem vitórias, estrela sem véu.

Na mesma monotonia: 3.3.3 3.3.3 3.3.3 3.3.3 3.3.3. A monotonia supõe uma metrificação. O progresso no pensamento, portanto, em abolir a repetição das palavras, e a mesma, que constituíam toda a poesia primitiva, a repetição dos estrofes, que tinham ilusão como uma dança de primeira mão; abolir os metros, em que a repetição muito uniforme de frases do mesmo número de sílabas sucedia no verso de 9 e 11 sílabas.

Deuses, o enjambement era uma licença, uma coisa que se permitia. Cada verso devia ter uma pausa natural na última sílaba. Cada estrofe ter uma pausa no fim do último verso. O progresso consistia em quebrar todas essas simetrias e regularidades. O essencial é que o pensamento se exprime bem. E certo, alguma regularidade de distribuição dos acentos, das rimas — sem o que não haveria verso. Mas o poeta, pela variedade de metrificações diversas, varia também os ritmos.

O verso representa a parte musical da expressão do pensamento. Ele se deitou do canto, pretendeu ser a sua própria música. Ficou-lhe, porém, a orientação original, quase se dizia: música hereditária. E a sua evolução, lidando com sílabas, é naturalmente análoga à da música, lidando com notas.

Também a música primitiva é fortemente rítmica. E' monótona, é acentuada. O tipo da música primitiva é a música para a dança, na qual é necessário marcar bem o compasso, para acompanhar o tempo dos movimentos.

Mesmo sem se tratar das composições destinadas a esse fim, a música tinha outrora esse caráter acentuadamente rítmico. O progresso consistiu em dar mais variedade nos ritmos. Entre a música para um batuque, um trecho sentimental de ópera (Rusconi), e um trecho de Wagner, há esta graduação: maior liberdade de ritmos. O ouvido, mais educado, percebe cada vez mais ritmos cada vez menos brutalmente acentuados.

Quando é a Oração à Luz de Guerra Junqueiro, Le Landi de Almeida e Les villes tentaculaires de Verhaeren e muitas das poesias de Santos Chocano acham que é exatamente isso que distingue as formas modernas da poesia, das antigas formas primitivas emborçadas e, por isso mesmo, monótonas.

Outra, essa evolução parece que leva à extinção da poesia — ao acançamento da forma metrificada.

Dizem alguns que isso seria um empobrecimento do pensamento humano que ficaria desolado de uma forma de arte. Mas é exato. Ao passo que se trabalha melhor a prosa, o poeta aprende a discernir também melhor nuances delicadas.

Na mesma um fato notável: a maioria dos poetas passa a viver em prosa. Não faltam grandes prosadores, que tenham o mesmo gosto poético. Mas o que falta absolutamente é um poeta — um só que seja! — de um grande prosador que tenha o mesmo gosto poético.

Além, portanto, que o artista da palavra se sente senhor

absoluto das várias formas de expressão, o progresso individual para ele consistiu em passar da poesia para a prosa. A prosa, em inversa — que seria uma música regressiva — ninguém fez. E, por conseguinte, perfeitamente ilético supor que a humanização seguiu o mesmo caminho.

Não se preocupará para isso de muito tempo. Durante os séculos 17, 18 e o princípio do 19, as obras de poesia representavam 10% da produção literária. Hoje representam 3%, com tendência a diminuir (2).

Dizem que a poesia é inimiga de cifras. Estes dados provam que as cifras também são inimigas da poesia... Elas patentemente a sua irreversível decadência.

Mas o essencial é que o pensamento humano se possa transmitir o mais completamente possível — e que saiba descrever, e que saiba narrar, e que saiba comover... Nisso ninguém dirá que estejam em regresso. Ao contrário!

Dantes, quando um poeta empreendia tratar de um certo assunto, o seu primeiro cuidado era escolher uma metrificação: seria em versos de 12, de 10, de 7 sílabas... Uma vez escolhido isso, era então que ele começava. Os grandes poetas são assim.

Mas, esse fato, que a muitos parece natural, é, do ponto de vista lógico, uma aberração. É pelo menos um exercício de deformação sistemática da expressão do pensamento. De antemão, o escritor dizia: "Eu vou pensar, por frações de um certo número de sílabas: vou obrigá-las a ideias a saírem, em frases regulares de tantas ou quantas sílabas. Não sei ainda quais serão as ideias, que terei de exprimir; mas já sei que estarei nas curvas e tenderei as complicas para na meter dentro de um molde preestabelecido arbitrariamente!" É perfeitamente absurdo.

Mas como esse absurdo é cômodo, porque ele tem moldes numerosos, que é sempre fácil limitar, a maioria dos poetas contemporâneos continua a ver-se por esse sistema.

A grande dificuldade é achar para cada pensamento a forma própria, o ritmo adequado — a forma, que só a ele convém o ritmo que melhor o pode traduzir.

A maioria das poesias em metrificação variada, nas quais as vezes de todos os tamanhos se entremeciam, são abomináveis. Parecem prosa — e prosa má. Mas é assim na mão dos poetas medievais. Na dos grandes, a dos Guerra Junqueiro, dos D'Almeida, dos Verhaeren, dos Santos Chocano essa metrificação tem uma beleza extraordinária.

A dificuldade para os medievais é que não podem achar modelos. Precavam ao mesmo tempo ter as ideias e escolher-lhes a forma adequada. O que um fez não serve de norma a outro. Não há nessa poesia nova lugar para imitadores vulgares.

Quando, por conseguinte, alguns críticos se insurgem contra a variedade de metrificação, urda na mesma poesia, dizendo que quase todas as poesias desse gênero são detestáveis — não lhe fazem uma censura. Fazem um elogio. Essa forma não está ao alcance dos medievais. Se os grandes e talentosos podem ver-se de dois moldes correntes com superioridade, a inversa não se dá. É preciso ter mérito próprio — e superior — para poder lidar com esse processo de metrificar, cuja aparente facilidade é um laço em que os medievais revelam logo a sua mediocridade.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

- (1) — Salomon Reinach — Orpheus. Combarius — La musique et la magie.
- (2) — V. d'Avenel — Les richesses depuis 700 ans.



Outro retrato de Medeiros e Albuquerque na mocidade

Ore Constantinópolis, uma vantagem excepcional: a de poder Medeiros e Albuquerque exibir, de vez em quando, nos boulevard, a sua farda de coronel da Guarda Nacional. Durante a Guerra, principalmente, isso lhe era de grande utilidade: Medeiros fardava-se, e ia, com as suas esporas e o seu uniforme auxiliares, para a gare do norte. E aí, de pé, a mão no capacete, recebia as continências dos soldados que iam ou vinham do "front", que ele olhavam, espantados, o seu fardamento, inteiramente desconhecido nos campos de batalha. Como as mulheres, por esse tempo, nutriam um grande desprezo pelos homens validos que fugiam da guerra, a farda era para o nosso patriota, uma espécie de "habitus-corpus", fazendo convergir para os seus galões a gratidão comovida das "medinettes".

— E do Exército armênio! — diziam umas.

— Não; ele é grego! — afirmavam outras. — É o ministro da guerra de Veneza.

E outras, ainda:

— É polaco, filha. Ainda outro dia eu o vi com a Santa, a Ada e a Judi, na casa do Nicolai.

Membro da Academia, Medeiros propôs, um dia, a instituição do fardado acadêmico. Victoriosa a proposta, foi o primeiro a fazer o seu. Tempos depois, João Ribeiro, que não tratara do seu uniforme, explicava, de regresso da Europa:

— O Medeiros é formidável! Quando viaja, põe a farda da Academia em cima, no estrado da mala. Ao abrir a bagagem nas fronteiras, os guardas aduaneiros dão com o fardado, supõem que é um diplomata, e fecham logo, independentemente de exames!

— Nas os "contrabandos" que ele passa não tem na mala! — protestou Augusto de Lima.

E mais perverso, ainda:

— Os "contrabandos" do Medeiros pagam passagem! Literato, é o poeta dos "Pecados", o mais completo que possuíamos. A maleabilidade do seu espírito é espantosa.

— O Medeiros é um gênio! — dizia alguém, uma vez, a Emilio de Menezes. — Ele faz versos, crônicas, romances, contos, crítica literária; é jornalista, orador, político; enfim, trata de tudo.

— Sim, — atalhou o boêmio; — mas é prédio da Avenida.

E como o apologistas lhe pedisse o segredo da comparação:

— Muita freira e pouco fundo!

A injustiça desse conceito nem ficando, entretanto, evidente. Medeiros é um assombroso devorador de livros. Lê tudo, assimila tudo, regista tudo. E com um defeito que é uma qualidade: a preocupação de suavizar, empastando-lhes graça, encanto, interesse, as coisas pedradas que lê.

— O Medeiros é o cinema da literatura, — sentenciava, uma vez, Afrânio Peixoto.

E continuava:

— Ele nos mostra em uma hora o que mestre Ruy não nos mostraria em dois dias!

E é assim mesmo. Medeiros e Albuquerque é o cinema erudito, gracioso, movimentado, e por sessões. Não lhe faltam, para isso, nem as "estrelas".

Perfil de Medeiros e Albuquerque -- HUMBERTO DE CAMPOS

Em 1885 dedicava-se, sem exceção para a literatura, a escrever incidentes para a política nacional, que os republicanos queriam, quando apareceu em um dos diários da época um artigo em alexandrinos, que começava assim:

— O Medeiros é um gênio! — dizia alguém, uma vez, a Emilio de Menezes. — Ele faz versos, crônicas, romances, contos, crítica literária; é jornalista, orador, político; enfim, trata de tudo.

— Sim, — atalhou o boêmio; — mas é prédio da Avenida.

E como o apologistas lhe pedisse o segredo da comparação:

— Muita freira e pouco fundo!

A injustiça desse conceito nem ficando, entretanto, evidente. Medeiros é um assombroso devorador de livros. Lê tudo, assimila tudo, regista tudo. E com um defeito que é uma qualidade: a preocupação de suavizar, empastando-lhes graça, encanto, interesse, as coisas pedradas que lê.

— O Medeiros é o cinema da literatura, — sentenciava, uma vez, Afrânio Peixoto.

E continuava:

— Ele nos mostra em uma hora o que mestre Ruy não nos mostraria em dois dias!

E é assim mesmo. Medeiros e Albuquerque é o cinema erudito, gracioso, movimentado, e por sessões. Não lhe faltam, para isso, nem as "estrelas".

— disse, a um continuo que apareceu.

E ao velho militar, quando este lhe surgiu:

— Este moço — disse, apontando Medeiros, deve embarcar, hoje, para Minas; se amanhã estiver ainda na cidade, meteo-o na Ilha das Cobras!

Conhecendo sobremaneira o ditador, o jornalista não esperou segunda recomendação: pôs o chapéu à cabeça, e chegando a Central, tomou a ponta do trilho, indo amanhecer, a pé, na Borda do Pirai, de onde, ganhando o curso do Paraíba, conseguiu entrar em Minas, com oitenta e sete horas de viagem e a velocidade de três léguas horárias.

Essa história, ditada mais pela amizade do que pela perseguição, valeu a sua inscrição na política preciosa. Estimado por Prudente de Moraes e contando com o apoio de Rosa e Silva, foi nomeado inspetor escolar e diretor da Instrução Pública, eleito deputado federal por Pernambuco.

No exercício de todos esses cargos foi Medeiros e Albuquerque, sempre, um trabalhador infatigável. Questões de ensino, assuntos de Direito, problemas de agricultura, de riação, de guerra e de marinha, foram acentuados e discutidos por ele. E isso sem prejuízo do "conteúdo" do poeta, e do jornalista, que se afirmavam, aqui fora, pela força da lógica e pela sobriedade do estilo. Foi por esse tempo que apareceu em "Mêtopia" "Um homem prático", e as suas "Poesias completas", em que

— disse, a um continuo que apareceu.

E ao velho militar, quando este lhe surgiu:

— Este moço — disse, apontando Medeiros, deve embarcar, hoje, para Minas; se amanhã estiver ainda na cidade, meteo-o na Ilha das Cobras!

Conhecendo sobremaneira o ditador, o jornalista não esperou segunda recomendação: pôs o chapéu à cabeça, e chegando a Central, tomou a ponta do trilho, indo amanhecer, a pé, na Borda do Pirai, de onde, ganhando o curso do Paraíba, conseguiu entrar em Minas, com oitenta e sete horas de viagem e a velocidade de três léguas horárias.

Essa história, ditada mais pela amizade do que pela perseguição, valeu a sua inscrição na política preciosa. Estimado por Prudente de Moraes e contando com o apoio de Rosa e Silva, foi nomeado inspetor escolar e diretor da Instrução Pública, eleito deputado federal por Pernambuco.

No exercício de todos esses cargos foi Medeiros e Albuquerque, sempre, um trabalhador infatigável. Questões de ensino, assuntos de Direito, problemas de agricultura, de riação, de guerra e de marinha, foram acentuados e discutidos por ele. E isso sem prejuízo do "conteúdo" do poeta, e do jornalista, que se afirmavam, aqui fora, pela força da lógica e pela sobriedade do estilo. Foi por esse tempo que apareceu em "Mêtopia" "Um homem prático", e as suas "Poesias completas", em que

consubstanciava alguns volumes anteriores.

Privado da tribuna parlamentar, Medeiros, que havia fundado, já, com Lucio de Mendonça e outros, a Academia de Letras, voltou-se, todo, para o jornalismo político e literário. Escrevia em quase todos os jornais da cidade, e em alguns de S. Paulo. Fundou seções de crítica, de comentário literário, instituiu a literatura leve, o artigo brejeiro, a crônica de duas tiras, e partiu, a viajar.

As viagens constituem, talvez o capítulo mais interessante da vida de Medeiros e Albuquerque. Inimigo de preconceitos, e para ele, um prazer, sentir-se desconhecido, em terras distantes e exóticas, em que possa viver como um natural do país. Na Inglaterra, na Itália, na Alemanha, na Holanda, na Suíça, gozava a vida como se tivesse nascido ali. Dois pelos, entretanto, o seduzem, pelos costumes: o francês e o turco. E de tal forma que não esquece, jamais, aqueles recantos da margem do Sena, onde passava dias inesquecíveis na companhia de criadilhas encantadoras, e aquele seu harém, de Constantinópolis guardado por quatro eunucos da Ásia Menor, e enriquecido, diariamente, por novas circunstâncias, trazidas do interior pelos seus agentes, que eram os agentes do grápio sulido.

— Eu nasci para ser turco! — dizia ele, uma vez, a João do Rio, que o encontrara de cabeça de "fez" à cabeça, fumando um narguete, na ponte de Galata.

Paria possuía, entretanto, so-

— Chamado Deodoro, o flumina-

— Chamado Deodoro, o flumina-

— Chamado Deodoro, o flumina-

— Chamado Deodoro, o flumina-

(Trecho do discurso de posse na Academia Brasileira) - Miguel Couto de Almeida

Nilo Figueiredo
A maior e melhor casa encadernadora do Brasil

8-R.do CARMO 8
FONE 22-8748
R. dos INVS/LIDOS 135

A MORTE DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE - VINÍCIO CORREIA

Medeiros e Albuquerque

O essencial para quem se com-
põe não é tanto o regular

CASAMENTO SEM

No comentário, quando um

como ao ouro, é o catão d'ouro, adorno do, sendo Medeiros e Albuquerque — Silêncio é de Ouro" — pag. 14

Esta história de verdade aconteceu. E aconteceu há

e felizes, só pode ser atingida, quando a gente reconhece as verdades dos espíritos e expulsa. — (Medeiros e Albuquerque — "O Umbigo de Adão" — pag. 144).

Nada existe que seja tão
natural como o amor. O. Tuo

inuz, tão justo, tão necessário, tão humano. A imortalidade, prisão perpétua, a dor que todos os laços de afeição já romperam. — (Medeiro Albuquerque — "Fábulas Crônicas" — pag. 499).

A maternidade é uma

quando não se forma, como
quase sempre acontece, um
verdadeiro colonialismo, que,
às vezes, uma maldição para
o país, para os irmãos, para
seus próprios filhos, condenados
a viverem à margem da igno-
rância e do sentimento. — (Medeiros
Albuquerque — "Homens e
sua Academia" — pág. 2)

Diz-se que é um dever te-
lhão, ter muitos filhos, ac-

pele menos os que a Natureza quer dar. E fala-se como nos fazies frequentemente nos dirritos nactiuros.

Não! quando os pais não dem, ou não querem ler p quando não estão oplos then assegurar saúde, educação estar, são verdadeiros minoxos em atirar ao mundo que nele veem apenas sofrer.

Medeiros e Albuquerque
"Homens e Coisas da América" — pag. 226).

Medeiros e Albuquerque e
culto da amizade -- (Trecho de artigo de Mucio Leão)

Um outro traço que enche o lado místico? Ele guarda a
de Almeida e Albuquerque no peito, numa folha de papel

de de, então, após um período de quize dias, chegou a cidade de São Paulo, mais precisamente ao bairro de Ipiranga, onde se estabeleceu, durante os primeiros dias de sua estada, em uma pequena casa localizada na rua para as pessoas de família menos ricas, que tinham como um diário circunstancial e completo. Organizado com escrivães, havia três longos volumes, que certamente seriam das mais interessantes entre quantos livros ele escreveu. Para bem:

— Que mistério seria o meu Interpõe D. Helena, a mãe de Medeiros e Alameda.

— Isso é uma flin d' amor
mortos de Jucu. Todas as

mento íntimo, reconhecido, que a nenhuma de nós jamais será dado devarrass?

com o qual eu quero encerrar
essas noções. É o do misticismo
de Medeiros e Albuquerque...

... Certo, ele não acreditava em nada Deus, a alma, o demônio, o céu e o inferno, eram meras palavras usadas para esse mal-entendido da realidade humana. A

— ricaista predileto. A sem au-
— vida há longos anos ele humil-
— da sua memória a poesia e o
— docura das rezas cristãs,
—

através do seu, de um muni-
— omizude! Alô, parece-nos
— melhor retrato de Medeiros
— Albuquerque.

de- E, entretanto, Medeiros e Albuquerque também tinha o seu "Registro Militar" do Brasil, 13 junho, 1934).

IDEIAS E OPINIÕES DE MEDEIROS E

O Ilustre Sr. Medeiros e Albuquerque escreveu-me dois dias depois de partir para a Europa esta longa e admirável carta: "Muito a seu respeito e vou prosseguir com toda a atenção e interesse. Assim muito interessante — não, porém, para o grande publico que de certo não vai a uma reunião com tudo o que se passa no mundo. A mim o caso interessou, por me obrigar a uma verdadeira análise de uma situação em que eu nunca pensara."

Assim, ao escrever de minha mão, tenho dois livros em que se encontram as ideias de homens da Itália e da Itália, perguntas em parte analogas à primeira do seu inquiritorial interrogatório. O primeiro livro chama-se *Books which have influenced me* e o segundo *I cento mirabili libri italiani*. Assim, se eu quisesse *apater le bourgeois*, ou tomar um certo parentesco intelectual com pensadores notáveis, poderia copiar alguma dessas listas. Mas quase todas começam por nomes ilustres da antiguidade clássica.

Ora, eu declaro humildemente que conheço poucos clássicos e que esses não tiveram sobre mim nenhuma influência. Tenho verificado em palestras literárias, comparando confidências íntimas com declamações públicas, que o meu caso é o de muita gente: mas todos acham fôco confessar claramente esse fato. Como, porém, o autor desse inquérito, pela cara rapada e pela vestidão do abdomen, tem um certo ar fradesco, não tenho dúvida em derramar-lhe no solo esta envergadura confusa...

Evidentemente, eu não quero negar valor aos clássicos. Provavelmente apenas minha inteligência, pensando na época em que eles viveram, recordando o estado dos espíritos e da instrução daqueles tempos, qualquer pessoa é forçada a admirá-los. Mas o que eu não creio é que eles deem hoje ênfase fortes e ninguém. E se ao lado o que eu digo.

Em todo caso, esse venerável pessoal antiquíssimo nada influencia sobre mim. Sou um pai de descoberto: foi Lúcio, Adão, eu e a modernidade na tradução em verso de André Lefèvre.

Não algum livro de literatura — romances, poesia ou contos — que tenha influído decisivamente sobre mim? Creio que não. Li muito. Li gozadamente centenas de romances e de livros de poesia, mas não tenho ideia de que nenhum marcou uma data na evolução do meu espírito. Admito, extraordinariamente *Germinal*, que ainda hoje acho um livro soberbo; *Trois couleurs*, de Edouard Rod; *L'Adoré*, de René Maizeroy; *Pierre et Jean*, de Maupassant; *Daniel Valgrin*, de de Rosny; e *Monsieur de Paul Bourget*. O Paul Bourget, que escreveu este último, não era ainda o pedante abominável, que um casamento rico e o desejo de entrar na aristocracia fizeram depois desse autor, a partir do *Disciple*. *Pierre et Jean*, pelo seu estilo de uma limpidez sem igual, claro e simples, me parece a obra prima de Maupassant. Foi talvez lendo-o que eu tive mais pronunciadamente a sensação de que o ideal do estilo é a clareza e a simplicidade. Aliás, embora não se fale desse livro, é de crer que o autor o apreciava muito, porque foi justamente para ele que escreveu uma proclamação literária.

Na poesia ninguém me causou maior admiração do que o Vitor Hugo e Leconte de Lisle, sobretudo nos *Poemas Bárbaros*. Depois, conheci Harancourt, em *Amo me e Seul*, e o fiz um dos meus companheiros habituais de trabalho. Digo "companheiros habituais", porque sobre mi-

nha mesa há sempre alguns volumes de versos, e entre dois artigos de jornal, que tantas vezes tenho de escrever a seguir, eu interalo a leitura de algumas poesias, lidas em voz alta.

Dos poetas da língua portuguesa, de nenhum gosto tanto como de Anthero de Quental. Mas, ainda uma vez, é evidente que a quantidade enorme de obras literárias em prosa e verso, que eu tenho lido, há de ter influído sobre mim. Não vejo, porém, nenhuma que possa destacar para dizer que foi meu guia, meu ideal. Nenhum poeta ou romancista me deu as grandes emoções de certas obras de ciência. Apenas Richépin pode talvez, pela circunstância que referirei, ter uma tal ou qual primazia.

Foi assim. Eu vim, sozinho, aos 18 anos, de Lisboa para o Brasil, vindo num vapor alemão *Kra Tundo* e apanhadíssimo. Pouco antes de embarcar, por simples acaso, comprei dois livros: *Força e Matéria*, de Buchner, e *Blasfêmias*, de Richépin. Os outros volumes, que eu trazia, foram para o porão do navio, em um caixote. Assim, a bordo, isolado como se estivesse num deserto, tive amplo tempo para ler e relevar várias vezes esses dois volumes, que se completavam maravilhosamente. Já então eu conhecia a *Origem das espécies* de Darwin e admirava a bela introdução que para esse volume escreveu Clémence Royer e de que ainda hoje, mais de 20 anos depois, sei de cor alguns trechos. Mas o livro de Buchner foi para mim um asombro, uma revelação, um deslumbramento. Na agregação em que eu estava ao sair de Lisboa para ler as *Blasfêmias* e as impressões que me vinham do filólogo e do poeta se completavam. Percorri várias vezes esses dois volumes, meditei-os longamente e não posso dizer todo o abalo que produziram sobre o meu espírito, no qual fizeram realmente uma revolução: mas o poeta era subsidiário do filósofo, porque a beleza que eu achava em Richépin vinha, sobretudo, da sua filosofia.

Depois, outros livros que contribuíram decisivamente para formar meu espírito foram a *História da Ciência Natural* de Haeckel, o *Esboço da Filosofia* de Hamilton, por Stuart Mill, e os *Primeiros Princípios* de Spencer. Não me lembro de que nenhuma obra de literatura me tenha dado a sensação de intensa alegria, quase direi: de embriaguez intelectual, que eu tive ao ler a parte do *Incognoscível* daquele livro de Spencer.

É evidente que eu não pretendo enumerar as obras que apreciei, mas unicamente as que fizeram sobre mim uma impressão violenta, as que mudaram o rumo do meu pensamento, fixando-o no que eu hoje é. Talvez fosse lícito mostrar que tanto os literatos como os cientistas que eu hoje se caracterizam por uma qualidade: a clareza do estilo. As filosofias e as literaturas obscuras sempre me repugnaram.

Depois, uma ordem de leituras me atraiu: o hipnotismo e o ocultismo, sob todas as suas formas. Foi Bernheim quem me levou para aí com o seu livro sobre a *Sugestão*. Creio, porém, sobre o meu espírito já estava a bom caminho, porque, embora tivesse praticado muito o hipnotismo e devorado quanto escrito arrevendo escrevia a respeito de ciências ocultas, tive sempre a ambição de entender nitidamente essas coisas complicadas e o resultado foi que saí de todas essas leituras tão agnostica e materialista como para elas entrara. Aliás, o livro excelente de Bernheim é, por isso mesmo, o melhor dos guias. Chega a ser um pouco estreito. Mas vale, porém, lato que a divagação aventureira dos

tipos como o Coronel De Rochas e outros charlatães.

Mas esta resposta está decorrendo em uma auto-biografia. Passo, portanto, muito mais resumidamente a uma segunda pergunta.

Em regra, os autores preferem, não as suas melhores obras mas aquelas que lhes deram mais trabalho. E o caso dos pais de vários filhos que tem maior predileção pelo mais doentinho e grandes rizes para os saudáveis e fortes. Flaubert tinha acabado por detectar *Madame Bovary* e proclamava o *Libro dos seus trabalhos* a *Tentativa de Saint-Antoine*. Sully-Prudhomme criou um verdadeiro horror ao *Vase-brisé*, que, entretanto, não há quem descurasse. Não é de crer que Olavo Bilac prefira o seu soneto *Os Euxelinos*, nem Raymundo Correia *As Pombas*.

Quanto a mim, de tudo quanto tenho escrito nada me desagrada menos que o prefácio do livro de Costa — *Fenômenos psíquicos ocultos*, livro editado pela Casa Garnier. Esse prefácio, que tem cerca de 80 páginas, mereceu críticas do Dr. Manuel Bonfim, do Dr. Arianje Junior, e suscitou diversos outros reparos. Espero um dia responder a eles. Nessas páginas eu penso ter formulado uma lei digna de estudo. É certo que a palavra *lei* se presta a várias acepções. Mas Ribot chama *leis empíricas* as que "consistem na redução de um grande número de fatos a uma fórmula única, embora sem dar sua razão explicativa". E isso pelo menos eu suponho ter conseguido. Mas seja ou não um engano da minha própria visão de coisa, o certo é que nada escrevi com alegria maior.

Dos meus contos, os que eu acho menos ruins são: *Flor seca*, *As calças do Raposo*, *O presente de Verd* e *Notados Trágicos*. Das minhas poesias? Resposta a uma pergunta. *Nota Perdida* e o soneto *Pudica*.

E, agora, a terceira pergunta: Francamente, eu não distinguo neste momento em nenhuma das literaturas que conheço "escolas literárias", na acepção estreita que dantes tinham estas designações. No Brasil, menos do que em outra qualquer parte.

É natural que seja assim. Nos somos uma nacionalidade em formação. Não, porém, em uma formação regular, orientada para um certo ideal para um estado futuro que seja possível pressentir desde já. Se fosse assim, teríamos uma literatura original e forte. Mas a nossa linguagem que se vai formando anarquicamente, sem ruído. Na verdade, o geral das ideias universais, que há neste momento em todo o mundo, não, no caso especial do nosso Brasil, ainda temos a nossa indecisão, própria de uma evolução, que ninguém sabe para onde se orientará.

Em regra, quando uma nação está no iminência de uma grande transformação histórica esse estado é fecundo. Acontece com os povos o mesmo que com os indivíduos.

A adolescência é uma época de fortes entusiasmos. O homem não está ainda formado de todo, mas sente o que vai ser dentro em pouco, e é o confuso desbrochar de todos os sentimentos que devem aparecer mais tarde que faz a beleza dessa idade. Mas se — fiquem a hipotese — chegando a adolescência, um ser, que até aí tivesse lido a evolução de um homem, não aoubes e se a passar a homem, ou a pinto, ou a ave — é natural que esse monstro, em vésperas de uma brusca e incerta transformação, não tivesse nenhuma grande aspiração por uma grande, precisamente, não saberia a que aspirar.

Creio bem que esse é o nosso estado.

Continuaremos unidos? Continuaremos independentes? Da fusão de todos os elementos étnicos que se vão misturando em proporções irregulares ao nosso território, que povo sairá? Não sabemos nada disso.

Diz-se a que um poeta ou outro qualquer artista, sentado a sua mesa de trabalho, não precisa lidar nada disto para rimar uma poesia? É verdade. Mas para haver uma corrente literária, em qualquer nação, é necessário que haja um grande número de sentimentos comuns entre todos os que nela habitam. E é o que nós não temos. Tanto não temos que um pedaço do Brasil pode ainda ha pouco, pelo laudo lingo do rei da Itália, ser desmembrado e drie sem causar no nosso povo a mínima emoção.

Diz-se a que o nosso caso nada tem de novo e todas as nações dependeram da fusão de vários contingentes étnicos? É também verdade. Mas essa fusão se fez lentamente, aos poucos, durante séculos. Sempre, porém, que, de um modo brusco, houve, em uma nacionalidade, qualquer irrupção de elementos estrangeiros, toda a vida literária ou desapareceu ou se amesquinhou. E a nossa nacionalidade se está fazendo por essa invasão tumultuária de elementos diversos, estranhos, variegados, mal distribuídos pelo território.

Parece-me um cadinho, ao fogo, em que todos os químicos do mundo fossem atirando ingredientes vários. Que combinação sairá de tudo isso?

Por ora, somos uma "mistura" sem propriedades definidas. Para dizer mais claramente: é impossível pensar em literatura nacional — caracteristicamente "nacional" — quando ainda não somos uma nacionalidade, nem temos um ideal definido do que poderia ser a futura nacionalidade brasileira.

É chego à quarta pergunta: — há probabilidade de se criarem literaturas a parte, com o desenvolvimento dos centros literários dos Estados?

— Não! Nunca! Mesmo as grandes nações europeias, tendo os tradições seculares, cada vez que os seus caracteres literários oferecem menos caracteres especiais que as discrepâncias umas das outras. Quanto mais os nossos pobres Estados?

O que há entre nós é falta de meios de comunicação e falta de instrução primária. Quase ninguém lê, quase ninguém se vê. Daí a existência afémera de três grupinhos estaduais, que são forçados ao eloio mútuo e exagerado pela estreteza do meio e pela dificuldade de serem conhecidos no resto do país. Mas desde que um livro publicado no Amazonas for tão facilmente lido lá como aqui ou no Rio Grande do Sul, ninguém pensará mais na fantasia das literaturas estaduais.

O ideal de cada artista será sempre o de fazer vibrar o maior número possível de criaturas humanas. Como quer, a vista disso, tendo uma língua já tão pouco falada, fazer obras de um sabor meramente local? É tolice.

Na Bélgica, há, por exemplo, quem tente desenvolver em contraposição as produções em flamengo, as produções em francês. Que resultado tem? Nenhum. E no entretanto, o flamengo é uma língua que tem tradições.

Fato idêntico na Itália. Em vão, diversos autores procuram reviver os dialetos locais dos velhos reinos de cuja fusão resultou a Itália moderna. Mas embora esses dialetos tenham tido uma grande importância na vida passada, a língua italiana a todos suplanta.

Os sentimentos modernos tendem a ser os mesmos em todo o mundo. Os nacionais a venerar as estradas de ferro, os auto-

móveis, a imprensa e o telégrafo, os mil e um processos que aumentam a sociabilidade humana, tendem a reproduzir em todos os cerebros do mundo o que a física enuncia que todos os níveis dos líquidos nos vasos comunicantes. Há bem pouco tempo, uma circunstância me fez pensar nisso. Um italiano, o assassino do milionário Flaherty, em S. Petersburgo, deu a mim um prazer tão intenso, como me daria o prazer a melhor cena dramática, vibrei de alegria. E ao mesmo tempo que isso me sucedia — a mim, que estava aqui preso, aqui desinverado, lendo um banco de donde essa notícia, em Berlim, em Cracóvia, e em Londres (disseram-no os telegramas no dia imediato) milhares de pessoas organizavam sessões e meetings, comemorando esse assassinato redentor. E assim, a todo momento, de todos os povos do mundo inteiro milhares de pessoas atitudes simultaneamente pelos mesmos sentimentos.

Ora, literaturas locais correspondem a sentimentos locais, e estas só ainda existem por falta de meios de comunicação, de uma perfeita inteligência entre os povos ou entre as várias frações do mesmo povo.

Quanto a mim, eu creio que caminhamos não só para a universalização de todas as ideias, como para o emprego de uma só língua. O Esperanto, que é ainda imperfeito, já, em si, provou a possibilidade de uma língua literária universal.

Mas nisto, nem muitos creem, nem o inquérito iluiu. E, portanto, a resposta à sua pergunta: não há a menor possibilidade de que se venham a criar literaturas locais nos nossos Estados, seja qual for a situação posterior do Brasil. O Brasil só se poderia dar se uma língua fosse conquistada e imposta por uma nação estrangeira. Mas nesse caso, mudada a língua, não haveria aí uma literatura local. Far-se-iam novas obras na língua e na literatura do povo conquistador.

Realmente, pelo que ficou de resposta a duas perguntas últimas, que me não se completarem, creio que se pode afirmar que atualmente não temos propriamente o que se possa chamar literatura nacional, embora haja livros excelentes em excelente português por bons poetas e bons prosadores brasileiros. Não há também literaturas regionais, nos Estados.

Nenhum deles é um facto de civilização e parte, bastante forte e autónoma, para sustentar uma escola.

Quando, pela difusão geral da cultura, nós passarmos a ter uma literatura brasileira e nacional de qualquer modo a nacionalidade brasileira se tiver constituído, também os meios de comunicação com o resto do mundo já serão tão ativos e constantes que a literatura brasileira será apenas o reflexo do Brasil de ideias universais, sem nada de muito característico.

As condições para a formação de literaturas nacionais cessando: elas só eram possíveis em centros de civilização com uma forte unidade de sentimentos e um grande isolamento das nacionalidades vizinhas. Foi assim para as literaturas francesas, inglesas, alemãs, etc., de acenos passados.

Dentro em pouco, entretanto, não sucederá mais isso por ninguém. Ainda que subsistam as diferenças da língua, não subsistirão as de sentimentos. Por isso se pode dizer que os tempos nem teremos literatura nacional: não temos, porque nos falta cultura, embora ainda permaneçamos bastante isolados para conservarmos alguma coisa de característico; não temos, porque quando chegarmos

Conferência preferida pela doutora Elza Paxeco, no Centro de Estudos Filosóficos de Lisboa, em 16 de novembro de 1941.

um Vitor, o Dir. uma
vros de Portugal-Rio d
os outro. O que impor
nhamos estas suplemen
seca, formando uma bibi
litas, sem bem usat

Com o título supra, publicaramos
os seguintes colegas d'A Vanguarda:

ou outro. O que importa é que tenhamos esses suplementos em casa, formando uma biblioteca, aliás, sem bem arreatares.

June 2000

Antologia da literatura brasileira

A MAO SUJA

Minha mão suja, não,
é a mão do povo,
é a mão do trabalho,
é a mão que constrói
o Brasil e o mundo.
A mão suja não,
é a mão do povo.

A mão que suja
no chão da calçada,
que a o raladeira?
Homens, não choravam,
danzavam a mão.
A mão, quando
A mão, quando
A mão, quando
A mão, quando

Ah! Quantas noites,
no fundo da casa,
fazer essa mão,
polida, e covada?
Covada ou quicada,
por melhor contraste,
quicada, talvez,
ou no chão, por fim,
uma criança não branca,
mão suja de homem,
que se pode pegar
e lavar a boca
ou prender a língua,
fazer essa mão suja
em que não se consegue
fazer a mão suja...
A mão suja, quando
A mão suja, quando

E era um cão vil,
na rua de terra,
suja de barro,
suja de lama,
suja de sangue,
suja de suor,
suja de lágrimas,
suja de suor,
suja de lágrimas,
suja de suor,
suja de lágrimas,
suja de suor,
suja de lágrimas,
suja de suor,
suja de lágrimas,

Intimamente
a agulha não suja
por sobre a mão.
Intimamente, cortada,
suja em pedras,
e jogada ao mar.
Com a agulha, a esperança
e a mão suja,
suja em pedras,
suja em pedras,
suja em pedras,
suja em pedras,
suja em pedras,
suja em pedras,
suja em pedras,

TRISTEZA NO CEU

No céu também há uma hora melancólica.
Há, ali, em que a dúvida penetra as almas.
Por que há o mundo? Deus se pergunta
e responde: Não sei.

Os anjos olham-no com reprovação,
as plantas coram.

Todas as hipóteses — a graça, a claridade, o amor —
estão tão plenas.

Outra pluma, o céu se desfaça.
Tão bela, a pluma frágil denuncia
e morre a pluma toda e nada,
ou seja, a tristeza de Deus.

A BRUXA

A EMIL FARNAT

Nesta cidade do Rio,
de dois milhões de habitantes,
está sozinho no quarto,
está sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?
Ainda há pouco um ruído
estrangeiro vinda a mão lada.
Certo não é vida humana,
mas é vida. É uma bruxa
presa na rede de um.

De dois milhões de habitantes!
E não precisa tanto...
Precisa de um amigo,
de um amigo, de um amigo,
de um amigo, de um amigo,
de um amigo, de um amigo,
de um amigo, de um amigo,
de um amigo, de um amigo,

Em dois milhões de habitantes,
quantas mulheres prováveis
se interrogam no espelho
e trocam o tempo perdido
por que venha a manhã
trazer leite, jornal e calça.
Por lá a vida humana
está desolada mulher?

Esta cidade do Rio!
Tudo tanta poluição negra,
cruelidade, dor, de homens,
seja em botões, seja em olhos,
veja, lágrima, aperto.
Estou cercado de olhos,
de mãos, afetos, procura.
Mas se tenho comunicação,
o que há e a vida a noite
é uma eterna solidão.

Compensação, social-me!
Essa presença agitada
querendo romper a noite
não é simplesmente a bruxa.
É antes a contidência
axialando-se de um homem.

LEMBRANÇA DO MUNDO ANTIGO

Clara passava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
e os elementos eram azuis, rosas, alaranjados,
e a guarda civil sorria, passavam bicicletas,
e menina pisa a relva para pegar um prego,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tran-
quilo em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu... Não era proibido!
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos... Não havia
perigo!
Os perigos que Clara tinha eram a gripe, o calor, os
insetos.

Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,
esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passava no
jardim, pela manhã!!!

Havia jardins, havia manhãs, naquele tempo!!!

A NOITE DISSOLVE OS HOMENS

A FORTINARI

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tão pouco os rufiões
que outrora me perturbavam.
A noite desceu. Nas casas,
nas ruas onde se combatia,
nos campos desolados,
a noite espalhou o medo
e a total incompreensão.
A noite caiu. Tremenda,
sem esperança... Os súbitos
acumam uma presença negra
que paralisa os guerreiros.
E o amor não sabe um caminho
na noite. A noite é mortal,
completa, sem religiosidade,
a noite dissolve os homens,
de que é inútil sofrer.
A noite dissolve as pátrias,
apagou os simpatizantes
cristãos! nas suas fardas.
A noite aniquilou todo.
O mundo não tem remédio...
Os suicidas tinham razão.

Aurora,
entretanto, eu te dirijo, ainda tímida,
inexperiente das luzes que vais acender
e dos bens que repartirás com todos os homens.
Sob o limbo teu de suspiros, queixas e humilhações,
acredito que sobes, vapor róseo, expulsando a treva
(insolurna).
O triste mundo fascista se descompõe ao contacto de teus
(dedos),
teus dedos frios, que ainda se não modelaram
mas que avançam na escuridão como um sinal verde e
(peremptório).

Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,
minhas carnes estenderem na certeza da tua vida.
O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se
(enlaçam).
os corpos mortos adquirem uma fluidez,
uma inocência, um perdão simples e macio...
Havemos de amanhecer! O mundo
se tingiu com as tintas da antimanha
e o sangue que corre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.

DENTADURAS DUPLAS

A ONESTALDO DE PENNAFOST

Dentaduras duplas!
Ainda não sou bem velho
para morrer-vos...
Tanto que contenter-me
com uma ponte isovel
e aparas coroadas.
(Corpo sem reino,
os ritos proféticos
de uma vida
quando produzida
a dupla dentadura,

a dentadura múltipla,
a vida humana
sempre descaída,
jornal, pão, leite,
que se abala
com o todo da boca,
a boca que bebe,
a boca humana?...

Presença! Recolite!
Nomes de passas!
Paulatinas femininas?
Nunca! Dentadura,
engulida, mostrada,
práticas, libidinosas,
a vida humana!
a boca que morde,
os delirantes lábios,
apenas entrebertos
num sorriso técnico,
e a língua espessa
através dos dentes,
buscando outra língua,
simulada, amargada...
A terra, meçante,
não filtra o amor.
E todos os dentes
extraídos sem dor!
E a boca aberta
das funções poéticas —
satírico — dramáticas
de que rezam filmes
e velhos romances.

Dentaduras duplas!
Dai-me calma a calma
que Bilo não teve
para envelhecer.
Triturarei convulsos
dores alimentares,
será caso, solbro,
não vos aplicarei
na delicada convulsão
de uma carne tríplice
em que já tantas vezes
me eu perdi.

Largas dentaduras,
vasto rio largo
que compulsa
de não sei quantas formas
frescas, secretas
no fundo de mim.
Não sei quantas formas
já me compensadas.
Dentaduras brancas,
antes amarelas
e por que não cronológicas
e por que não de ambar?
de ambar! de ambar!
fantásticas dentaduras,
admiráveis presas,
mastigando leões
e indiferentes
a carne da vida!

OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

Chega um tempo em que não se diz mais: Meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: Meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tocam apenas a rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão as mulheres batem à tua porta, não abris.
Pica-te sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem anormais.
Em toda certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice!
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue,
e nem todos se libertaram ainda.

Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
preferiram (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma cruz.
A vida apenas, sem mistificação.

OS MORTOS DE SOBRE-CASACA

Havia a um canto da sala um album de fotografias
alto de muitos metros e cheio de infinitos minutos.
em que todos se debruçavam
na alegria de zombar dos mortos de sobre-casaca.

Um verme principiou a roer as sobre-casacas indiferentes
e roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a primeira
página.
E não roeu o mortal sozinho da vida que rebranta
que rebranta daquelas páginas.

